



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WALTER RODRIGUES DE AGUIAR

**MULHERES DO CAMPO E AGROECOLOGIA:
PROTAGONISMO SOCIAL NA CULTURA DO ALGODÃO AGROECOLÓGICO NO
MUNICÍPIO DE REMÍGIO-PB**

**CAMPINA GRANDE
2021**

WALTER RODRIGUES DE AGUIAR

**MULHERES DO CAMPO E AGROECOLOGIA: PROTAGONISMO SOCIAL NA
CULTURA DO ALGODÃO AGROECOLÓGICO NO MUNICÍPIO DE REMÍGIO-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao
Departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito básico à obtenção do diploma de
Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^aDr^a Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A282m Aguiar, Walter Rodrigues de.

Mulheres do campo e agroecologia [manuscrito] :
protagonismo social na cultura do algodão agroecológico no
município de Remígio - PB / Walter Rodrigues de Aguiar. -
2021.

39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Mulher. 2. Cultura do algodão. 3. Agroecologia. 4.
Agricultura familiar. 5. Assentamento. I. Título

21. ed. CDD 305.4

WALTER RODRIGUES DE AGUIAR

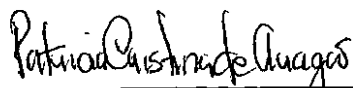
MULHERES DO CAMPO E AGROECOLOGIA: PROTAGONISMO SOCIAL NA
CULTURA DO ALGODÃO AGROECOLÓGICO NO MUNICÍPIO DE REMÍGIO-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Licenciatura em História, do Centro de
Educação da Universidade Estadual da
Paraíba UEPB, Campus I, em cumprimento
aos requisitos necessários para obtenção
do diploma de Licenciatura em História.

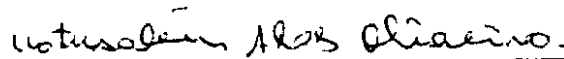
Área de Concentração: História Cultural e
Social.

Aprovada em: 31/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a Patricia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr Matusalém Alves de Oliveira (Examinador I)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Roseane Albuquerque Lima

AGRADECIMENTOS

Olá, caro leitor do meu Trabalho de Conclusão de Curso! Obrigado por parar aqui e ler meus agradecimentos a todos que contribuíram com este que foi um dos mais importantes trabalhos que já fiz.

Em primeira mão agradeço à minha mãe, Dona Crizoneide de Lima, que me incentivou aos estudos, além que nunca relutou para trazer o melhor para nossa família. Agradeço a meus irmãos, Carlos Rodrigues e Rodrigo Rodrigues, do qual ambos sempre estiveram comigo, não importa onde ou como, sempre caminharam ao meu lado.

Esse parágrafo eu gostaria de dedicar a todos os professores e professoras que contribuíram com minha carreira acadêmica e meu conhecimento sobre História. Em especial à Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão, por sua dedicação e comprometimento para conclusão deste trabalho. Aos professores Matusalém Alves, Adoniram Ribeiro, Ramses Nunes, Luir Freire, Aline, José Junior, José do Egito e tantos outros que contribuíram com o profissionalismo e por seus conhecimentos historiográficos.

Agradeço também as pessoas que me ajudaram diretamente para a conclusão desse trabalho. À Leidiane, minha irmãzinha, que me ajudou em todos os quesitos, deste a visitação no Assentamento Queimadas e informações sobre a temática trabalhada, até com a formatação e estruturação do artigo, além das conversas e palavras de apoio; à Melissa Costa com formatações também, à Rosa Maria (minha namorada) por ter contribuído com o trabalho, com debates sobre a temática e por sempre ter acreditado em mim; à Franciel Rodrigues, Victória Mellissa, Wanderson, Layo, Jobson e Elizabeth Cristina, por sanarem minhas dúvidas e terem me passado mais segurança quanto a minha escrita.

Agradeço aos historiadores que vieram antes de mim, que contribuíram deixando um pedaço das histórias de Remígio registrada para que eu desse continuidade, acrescentando meu trabalho. Às agricultoras do assentamento que me receberam, em especial Suzana e sua irmã. Gratidão à Roselita Vitor por sua disponibilidade e sábias palavras de encantamento e admiração pelo trabalho do campo.

Agora vem aqueles agradecimentos para deixar marcado na história para sempre, esses vão para meus amigos e colegas que fiz dentro da UEPB, toda a minha turma 2014.2, em especial aos meus mais que amigos, irmãos – Rafael, Everton, Jordão, Francisco (*in memoriam*) e Leandro, a qual somos chamados carinhosamente de “almas sebosas”. Enfim, a todos que caminharam junto comigo no curso de História.

Agradeço a meus amigos pessoais, Camila, Jacinto, Iago, Rostã, Wellington, Paulinho, Tiago e outros que não consigo lembrar no momento, por embarcar nas minhas viagens e particularidades, sem eles não têm sentido as coisas, espero estar sempre perto deles para fazer aquele churrasco e jogar vídeo game e conversa fora.

E, por fim, agradeço a mim mesmo por nunca ter desistido apesar dos percalços e dificuldades enfrentados. Aos técnicos administrativos da coordenação do curso de História. Aos funcionários da biblioteca e todos que compõem a UEPB. Aos donos de barraquinhas de lanches. A Seu Antônio do espetinho, local de boas conversas e momentos de descontração únicos.

RESUMO

Frente à importância de entender os aspectos sociais, culturais e econômicos presentes no município de Remígio - PB, a partir da cultura do algodão agroecológico produzido em sua maioria através da agricultura familiar, pesquisamos sobre Mulheres do Campo e Agroecologia: protagonismo social na cultura do algodão agroecológico no município de Remígio - PB, a fim de refletir sobre o lugar da mulher, seu trabalho e atuação na cultura do algodão agroecológico no Assentamento Queimadas. Para tanto, foi necessário mostrar a relevância do trabalho feminino na cultura do algodão agroecológico na manutenção familiar e discutir, com base em pesquisas bibliográficas, sobre a produção de algodão para agricultura familiar remigense e nele identificar o lugar da mulher no Assentamento Queimadas. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental, fazendo estudos de bibliografia e análise de fotografias que abordam a temática proposta. Como referencial teórico utilizamos Bourdieu (1989; 1996); Cappellin (1990); Certeau (1994); Costa (2000); Cunha (2000); Del Priore (2001) Mauad (1996); Foucault (1979; 1984); Saffioti (1992); Scott (1994); Perrot (*et al.*, 2001; 2005) e Valoura (2005-2006) entre outros, para abordar alguns conceitos como relações de poder, trajetória, classe social, empoderamento, agroecologia etc. Desse modo, a pesquisa se situou no campo dos estudos de gênero articulado ao contexto do trabalho buscando enfatizar o papel das mulheres. Diante disso, verificamos que a cultura do algodão agroecológico é um importante meio para que as mulheres do Assentamento Queimadas demonstrem seu protagonismo, político social e econômico. Portanto, a partir do momento que as mulheres geram renda e passam a ocupar os espaços públicos e privados, deliberadamente passam a ecoar suas vozes e se mostram protagonistas com a cultura da produção do algodão agroecológico.

Palavras-chave: Mulher. Protagonismo. Cultura do algodão. Assentamento. Agroecologia.;

RESUMEN

Frente a la importancia de entender los aspectos sociales, culturales y económicos presentes en el ayuntamiento de *Remígio – PB*, a partir de la cultura del algodón agroecológico, producido en su mayoría por medio de la cultura familiar, investigamos sobre Mujeres del Campo y Agroecología: protagonismo social en la cultura del algodón agroecológico en el ayuntamiento de *Remígio – PB*, a fin de reflejar sobre el lugar de la mujer, su trabajo y actuación en la cultura del algodón agroecológico en el Asentamiento *Queimadas*. Para tanto, fue necesario mostrar la relevancia del trabajo femenino en la cultura del algodón agroecológico en la manutención familiar y discutir, con base en investigación bibliográfica, sobre la producción del algodón para la agricultura familiar *remigense* y en el identificar el lugar de a mujer en el Asentamiento *Queimadas*. Realizamos una investigación bibliográfica y documental, haciendo estudios de bibliografías y análisis de fotografías que abordan la temática propuesta. Como referencial teórico utilizamos, Bourdieu (1989; 1996); Cappellin (1990); Certeau (1994); Costa (2000); Cunha (2000); Del Priore (2001) Mauad (1996); Foucault (1979; 1984); Saffioti (1992); Scott (1994); Perrot (et al., 2001; 2005) y Valoura (2005-2006) entre otros para abordar algunos conceptos como: relaciones de poder, trayectoria, clase social, empoderamiento, agroecología etc. De este modo, la investigación se ubicó en el campo de los estudios de género articulado al contexto del trabajo buscando enfatizar el papel de las mujeres. Delante de eso, verificamos que la cultura del algodón agroecológico es un importante medio para que las mujeres del Asentamiento *Queimadas* demuestren su protagonismo, político social y económico. Por lo tanto, a partir del momento que las mujeres generan renda y pasan a ocupar los espacios públicos y privados, automáticamente pasan a resonar sus voces y se muestran protagonistas con la cultura de la producción del algodón agroecológico.

Palabras-clave: Mujer. Protagonismo. Cultura del Algodón. Asentamiento. Agroecología.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MULHERES NA AGROECOLOGIA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIAL	15
2.1	Lugares do feminino: perspectivas históricas	15
3	AS MULHERES E A CULTURA DA PRODUÇÃO DO ALGODÃO AGROECOLOGICO NO ASSENTAMENTO QUEIMADAS – REMÍGIO - PB.....	23
3.1	O trabalho feminino no assentamento e as questões agroecológicas	23
3.2	O protagonismo feminino: entre o assentamento e o espaço público	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres, durante muito tempo, foi vista de forma subalterna e analisada a partir do seu papel social, pois ter por enfoque as contradições das diversas épocas e a sociedade na qual estão inseridas mostra como o domínio masculino foi marcante nas representações sociais da mulher, que tinha seu papel definido como mãe e esposa, destinada apenas aos espaços privados, predominantemente domésticos.

A partir das lutas das mulheres houve uma reconfiguração de suas experiências e o reconhecimento delas em nossa sociedade. As mulheres continuam lutando para vencer os desafios da vida social. Neste artigo, discutiremos sobre a produção das mulheres no Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio - PB, pelo viés da agroecologia, mostrando que o trabalho delas consiste num exercício de ressignificação e redimensionamento de sua contribuição, nesse caso em específico, nas produções agrícolas do algodão agroecológico na comunidade citada.

Conhecer a história dessas mulheres, a atuação dela interpela a masculinidade hegemônica que convive com a desigualdade e fragiliza as instituições patriarcais que permanecem pouco permeáveis à participação feminina. Nesse debate, fica claro as inter-relações entre a autonomia econômica, política e pessoal das mulheres, como processos que ocorrem simultaneamente, um dando suporte ao outro.

A escolha pela temática deste estudo surgiu da importância de entender os aspectos sociais, culturais e econômicos presentes no município de Remígio - PB. A partir da cultura do algodão agroecológico, produzido em sua grande maioria através da agricultura familiar, o próprio produtor executa e gerencia as tarefas da propriedade, juntamente com a sua família, sendo os pequenos proprietários rurais, quem têm como mão de obra o núcleo familiar. Neste sentido, o foco deste trabalho é na atuação das mulheres e o lugar delas no assentamento. Por ser próximo do nosso contexto de convívio, visto ser um dos pesquisadores residentes na zona rural de outra localidade da cidade, notamos que o protagonismo feminino no cultivo da cultura do algodão agroecológico no município de Remígio - PB tem exercido uma ressignificação do trabalho rural das camponesas.

A produção do algodão agroecológico no Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio, iniciou-se em 2005 a partir da ação da Escola Participativa

do Algodão, que foi um projeto realizado juntamente com os moradores da localidade, em parceria com a EMBRAPA¹ ALGODÃO e a ONG² ARRIBAÇÃ³ e outras instituições.

Academicamente nossa escolha se justifica porque há o desejo de ampliar estudos e pesquisas acerca da cidade de Remígio - PB e refletir sobre o trabalho feminino da mulher do campo, repensando o lugar atribuído às mulheres numa cultura de desigualdade. Ressalto a importância desta cidade que foi palco do décimo ano da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, realizada no dia 14 de março de 2019, e que possui um engajamento relevante para a causa, trazendo maior visibilidade-ela, tendo em vista que nesta, mais de 6.000 mulheres⁴ coloriram a cidade de roxo por um único objetivo: em prol de seus direitos e contra todas as formas de violência de gênero.

Como mostra a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), essas manifestações são um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural.

O que me motivou a escrever sobre o feminino foi a quebra de paradigmas, uma vez que os estudos sobre a temática em sua grande maioria são realizados por mulheres. Assim, eu enquanto homem procuro fugir dos padrões e trazer estudos sobre o feminino e de gênero através do olhar masculino.

Discutir e estudar sobre feminino numa perspectiva de gênero é entender todo o processo de desigualdade, silenciamento e sofrimento que as mulheres passam ao longo dos anos em decorrência de uma sociedade patriarcal.

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre o lugar da mulher, seu trabalho e atuação na cultura de algodão agroecológico no Assentamento Queimadas - PB. Como objetivos específicos nossa proposta é mostrar a relevância do trabalho feminino na cultura de algodão agroecológico na manutenção familiar; discutir com

¹ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

² Organização Não Governamental.

³ Associação de Apoio a Políticas de Melhoria da Qualidade de Vida, Convivência com a Seca, Meio Ambiente e Verticalização da Produção Familiar.

⁴ Fonte: <https://agroecologia.org.br/2019/03/15/marcha-pela-vida-das-mulheres-e-pela-agroecologia-leva-6-mil-as-ruas-de-remigio-por-justica-para-marielle-franco/> Acesso em: 11 maio 2021.

base em pesquisa bibliográfica sobre a produção do algodão para agricultura familiar remigense e identificar o lugar da mulher no Assentamento Queimadas.

Como questão orientadora da pesquisa, apresentamos o seguinte questionamento: de que modo o trabalho feminino na agroecologia a partir da realidade do Assentamento Queimadas em Remígio - PB é importante na cultura do algodão na perspectiva agroecológica? Este trabalho se situa no campo dos estudos de gênero, articulado ao contexto do trabalho, enfatizando sobre o papel feminino na cultura de algodão agroecológico na cidade de Remígio - PB.

Para alcançarmos os objetivos traçados acima, partimos da história do assentamento registrada pelos estudiosos Almeida (2011), Cunha (2012), Almeida (2014). Esses trabalhos situam o município de Remígio e o início da produção do algodão agroecológico realizado no Assentamento Queimadas.

A partir da fundamentação teórica utilizamos dos estudos desenvolvidos por Bourdieu (1989); Bourdieu (1996); Cappellin (1990); Certeau (1994); Costa (2000); Cunha (2000); Del Priore (2001) Mauad (1996); Foucault (1979); Foucault (1984); Saffioti (1992); Scott (1994); Perrot (*et al.*, 2001), Perrot (2005) e Valoura (2005-2006) que com historiograficamente para nossa pesquisa.

Assim, buscamos refletir sobre as conexões existentes entre a agroecologia e o protagonismo das mulheres, articulando como ponto de partida as políticas públicas de incentivo, para autonomia das mulheres camponesas que se encontram no Assentamento Queimadas. Analisamos as transformações na vida das mulheres, depois emergência da cultura do algodão é fundamental CONFUSO, onde a agroecologia a partir de seus princípios, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e, através do movimento de mulheres e o feminismo, as agricultoras avançam as barreiras impostas pela sociedade patriarcal na qual estão inseridas e participam ativamente do processo de construção do saber e fazer agroecológico.

A agroecologia, enquanto estatuto de ciência surgiu por volta da década de 1970, tendo como sentido retornar as práticas ancestrais de cultivo da terra e da relação com a natureza, assegurando uma harmonia produtiva, ambiental, econômica e social e, por isso, se fundamenta em valores equitativos, contribuindo, assim, para a o empoderamento e emancipação dessas remigenses.

Neste sentido, o Assentamento Queimadas se caracteriza como espaços de conquista da luta pela terra, além de abarcar experiências e vivências que nos

possibilitam avaliar as mudanças ocorridas. Desse modo, o recorte temporal dessa pesquisa é a partir da organização da produção agroecológica do algodão (branco e colorido) em Remígio - PB, que teve início em 2005 até 2015, ou seja, dez anos, tempo suficiente para analisar tais alterações, de que forma elas se concretizaram a nível social e não apenas econômico.

Essa pesquisa busca visibilizar a presença das mulheres a partir do trato dado às mulheres assentadas em Remígio - PB. A historiadora francesa Michelle Perrot enfatizava que “no palco da memória, as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989, p. 9). Atualmente, vemos cada vez mais trabalhos sendo produzidos e retirando a mulher da invisibilidade social, o que poderia tornar essa pesquisa apenas mais uma dentre tantas que já existem, que aborda a figura feminina. No entanto, nossa proposta é compreender a importância do trabalho feminino no contexto da realidade de Remígio - PB, a partir do envolvimento feminino na agroecologia e na cultura de algodão, com o diferencial de contribuir para o enfoque da organização, articulação e, principalmente, do fortalecimento da produção local que essas mulheres promovem.

Ao observar a organização das trabalhadoras rurais, que carregam uma história de resistência e protagonismo em Remígio, observamos que não se foge dos moldes das demais cidades pequenas, que frequentemente são permeadas por relações fortemente patriarcais, mas que, ao longo dos anos, vem constituindo uma trajetória diferenciada em que a atuação e luta das mulheres vai formatando os princípios de igualdade de gênero e divisão justa do trabalho doméstico.

Esse estudo possibilita expressar a constante luta das mulheres pelos seus direitos e por melhores condições de trabalho, produção e enfrentamentos diários, o que simboliza a persistência das mulheres no campo, que constroem sua identidade enquanto trabalhadoras e chefes de família. A mulher durante muito tempo foi educada para ser destinada ao lar, a procriação e, no desenvolvimento das sociedades, vemos inúmeros registros da discriminação, principalmente em relação ao trabalho feminino. A inclusão da mulher no mercado de trabalho tem sido uma luta progressiva, isto vem ocorrendo em diferentes momentos da sociedade brasileira, em que a mulher tem buscado formas de inserção social e trabalhista.

Historicamente, foi dado ao homem a condição de único provedor da família. Este tipo de prática vem sendo rompida na sociedade brasileira, uma vez que observa-se que a inserção da mulher na vida pública e mundo do trabalho e devido as demandas sociais, fez com que as mulheres passassem a responsabilidade da família

e em casos em que os casais dividem compromissos e responsabilidades e, portanto, a mulher se tornou cada vez mais participativa economicamente e socialmente.

Conhecer as representações femininas que diferem de um modelo imposto contribui para estabelecer um caminho possível que diminui as barreiras do preconceito que ainda existe, atualizando uma pauta de lutas e dando visibilidade ao cotidiano das mulheres do campo é um aspecto fundamental deste trabalho. Um processo que envolve quebra de paradigmas, revisão de conceitos e novas formas de pensamento e ação, mudança de comportamento e mentalidade é conflituoso. Conceitos, valores e ideias enraizados por séculos não desaparecem instantaneamente, daí a necessidade de produções acadêmicas que versem sobre tais questões.

Desde a luta pelo direito a terra, passando pelas práticas de auto-organização e comercialização, até a agroecologia e o feminismo vemos que não é um assunto esgotável, mas que possibilita diversas discussões pertinentes além do reconhecimento de mulheres que fazem a diferença, a contribuição dessa pesquisa é o incentivo à reinvenção de caminhos para as mulheres, sejam elas ativistas ou não, mas que abraçam as ideias do feminismo pela igualdade entre mulheres e homens, pela liberdade e autonomia na vida cotidiana.

Nesse contexto, procuramos englobar outros aspectos que façam jus a escolha dessa temática, como a viabilidade da mesma pelo acesso às fontes, visto que, enquanto morador da cidade de Remígio - PB procuro manter um contato direto com a realidade social do assentamento, bem como do trabalho que as mulheres desenvolvem nele, a partir da produção do algodão e, também, pelo respaldo dentro da historiografia que nos possibilitou a conversação com outros autores que trabalham dentro da mesma perspectiva.

Essas justificativas nos ajudaram a compreender a luta dessas camponesas nos assentamentos por meio de duas vertentes: a primeira, no reconhecimento de ser mulher e a segunda, no reconhecimento delas enquanto classe camponesa, no sentido histórico, em que percebem todo o processo de exclusão social.

Dar visibilidade ao protagonismo feminino no Assentamento Queimadas, localizado no município de Remígio, consistiu em uma das principais metas desta pesquisa. Entretanto, a primeira dificuldade encontrada foi a disponibilidade de fontes nos arquivos oficiais e instituições. Devido à escassez de fontes como registro da

participação das mulheres, a opção foi para este contexto de nossa trajetória, abordar teoricamente, com base nas produções históricas utilizadas neste trabalho.

A metodologia de trabalho se fundamenta na pesquisa bibliográfica e documental. Entendemos como pesquisa bibliográfica o levantamento de estudos realizados e publicados em livros, periódicos, revistas, teses, anais de congresso e/ou artigos processados em base de dados internacionais e nacionais que têm como função nos proporcionar acesso à literatura produzidas sobre determinadas temáticas. Quanto à pesquisa documental, trata-se de um estudo mais diverso e disperso em que as fontes da pesquisa se baseiam em jornais, revistas, tabelas, gráficos, documentos oficiais, vídeos, registros fotográficos etc. (FONSECA, 2002).

Nesse sentido, além de utilizarmos as literaturas abordadas como fontes históricas, utilizamos e analisamos registros fotográficos, dados nos documentos da Rede Borborema de Agroecologia (estatuto social, regimento interno, livros de ata), também consultamos documentos da ONG ARRIBAÇÃ e arquivos da EMBRAPA, ambas entidades com sedes na cidade de Remígio.

Portanto, cabe ao historiador a tarefa de localizar as fontes, selecioná-las e interrogá-las. O sucesso dessa tarefa vai depender da qualidade das perguntas que forem feitas aos documentos. Como afirma Ragazzini:

A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

Com o processo de transformação da produção historiográfica e a partir das influências da História dos Annales e especialmente com a Nova História Cultural no qual surgiu a necessidade de problematização de novos temas no contexto social e cultural, diversos historiadores sentem dificuldades de abordar assuntos como a vida privada, o cotidiano, as crianças, as mulheres etc., em decorrência da escassez ou poucas fontes escritas encontradas. Tais dificuldades e necessidades em produzir sobre determinados temas pode fazer com que historiadores passem a utilizar fontes iconográficas em seus estudos, conforme relata Mauad (1996).

Ainda como destaca Ragazzini (2001), a fonte é uma 'ponte' ou 'veículo' entre o historiador e o passado. As fontes iconográficas abordadas no presente artigo nos faz testemunhar o passado e analisar novas interpretações sociais dele a partir da ótica estudada.

Assim, as imagens utilizadas para análise nos auxiliaram no entendimento e interpretação da história, do cenário de épocas distintas, sendo uma excelente fonte de pesquisa por trazer grande riqueza em detalhes e informações, além de nos possibilitar uma melhor interpretação do passado inseridas no contexto histórico que os personagens estão inseridos. Sobre as imagens e suas riquezas em detalhes e informações Rubim (2010) relata:

existem valores e sentidos que somente as imagens possuem, possibilitando transmitir informações para o intelecto, de acordo com regras específicas, experiências, percepções e esquemas representativos do pensamento e que, por isso, não são substituídos por outras formas de linguagens. [...] As imagens representam um importante elemento da atividade sócio-cultural humana, principalmente por constituir um sistema de significações específicas que possibilita a reflexão, ação e expressão do homem em relação a si próprio, aos demais indivíduos e ao meio em que vive (RUBIM, 2010, p.10).

Dessa forma, consideramos as fontes bibliográficas e registros fotográficos utilizadas em nossa pesquisa, importantes para melhor compreensão do protagonismo das mulheres assentadas. Através das figuras selecionadas, pudemos refletir sobre as atividades das mulheres em relação à cultura da produção do algodão e/ou no processo de lutas no setor agroecológico e na busca por igualdade de gênero no Assentamento Queimadas.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes: essa introdução seguida de mais dois capítulos. No primeiro capítulo, é abordado o processo de construção historiográfica a partir da temática feminina e discutido alguns conceitos como: feminismo, gênero, empoderamento e relações de poder. No segundo capítulo, discutimos sobre a história e localização do Assentamento Queimadas, além de mostrar através de registros fotográficos e literaturas o protagonismo das mulheres agricultoras, a partir da produção do algodão agroecológico, realizado no assentamento estudado.

2 MULHERES NA AGROECOLOGIA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIAL

Este capítulo busca refletir sobre as discussões entre a mulher e a agroecologia. Apontamos o lugar da mulher no contexto social a partir da luta desta nos movimentos agroecológicos e no assentamento. Ao analisar a atuação feminina nos assentamentos de algodão agroecológico no município de Remígio, especificamente no Assentamento Queimadas, observamos que se torna necessário enfatizar o protagonismo que a mulher agricultora remigense vem a exercer ao ocupar espaços numa sociedade tradicionalmente patriarcal.

2.1 Lugares do feminino: perspectivas históricas

Nos estudos feministas e de gênero buscamos o respaldo às formulações que essa pesquisa desenvolveu, no sentido de compreender o lugar de ação da mulher trabalhadora do campo e seu protagonismo na luta pela terra pelo assentamento e na perspectiva da agroecologia. Cunha (2000) traça uma breve abordagem da historiografia que a temática feminina, sobretudo, no período que vai dos anos 70 até os anos 90 do século XX. Ressaltamos que, embora não seja diretamente ligada à temporalidade de minha pesquisa, que é o período compreendido entre 2005 e 2015. Contudo, tal discussão serve como parâmetro para pensar historiograficamente como vem sendo trabalhado os temas relativos à mulher enquanto objeto de pesquisa de modo geral⁵.

Nesse sentido, Michelle Perrot (2005) em *As mulheres ou os silêncios da história*, analisa a contribuição dos estudos de gênero para compreender problemáticas voltadas à família, à violência, ao assédio sexual e às disputas de poder em diferentes espaços. Em seu texto, a autora destaca como as mulheres se apropriam progressivamente de campos de trabalho, rompendo com determinados limites impostos à ordem social e desenvolvendo uma 'consciência de gênero'. Para Perrot (2005) sobre essa questão e como o tema passou a ser de interesse de pesquisadoras no mundo todo, ressalta que

⁵ Cabe ressaltar que a partir dessa leitura percebe-se os estudos pioneiros sobre a mulher no Brasil incidiram, em especial, sobre a sua condição no século XIX. Nesse período, a mulher foi objeto de várias análises, realizadas através de literatura de viagem, aprofundando o conhecimento dos papéis históricos, principalmente das classes oprimidas: livres, escravas e forras.

as mulheres [foram] mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam (PERROT, 2005, p. 11).

Del Priore (2001) afirma que o feminismo foi o responsável por identificar a ausência da mulher na historiografia e por si próprio passou a escrever a história das mulheres, antes mesmo das historiadoras. Nessa perspectiva, e pensando o movimento feminista, lemos algumas observações de Ana Elizabeth Sousa Silveira de Siqueira (2014), pois, pensar sobre mulheres e especificamente mulheres da agroecologia, é perceber como as mulheres rurais, na sua diversidade, foram se constituindo e se organizando como sujeitos políticos e protagonistas da História, buscando ocupar espaços públicos e privados na sociedade.

Remonta os fatos históricos que, foi no cenário de reabertura democrática dos anos 80 do século XX, que os movimentos de mulheres, tendo os ideais feministas, ganharam notoriedade no Brasil. Ligados aos novos movimentos sociais, as lutas femininas se davam principalmente na perspectiva do campo, ativo nos movimentos do MST⁶, nos movimentos contra a carestia ou lutas que pleiteavam uma maior participação política das mulheres nos espaços públicos (AGUIAR, 2016).

Segundo Cappellin 1990 *apud* Aguiar 2016 relata que os movimentos femininos se dão em diferentes espaços sociais e em grupos e movimentos de mulheres de distintos segmentos sociais, mas que buscam elaborar políticas que versem transformações positivas nas relações sociais, políticas e econômicas entre homens e mulheres.

De fato, a mulher nunca deixou de fazer história, mas durante muito tempo foi inviabilizada na escrita dela, foi a partir da ação e luta dos movimentos sociais feministas, desde seu surgimento até a contemporaneidade, que começou a se propor um novo olhar e abordagem que trata a mulher com a mesma importância com a qual o homem é tratado.

Nas últimas décadas, as temáticas relacionadas ao feminino conseguiram espaço significativo nas produções históricas contrapondo-se à História Tradicional. A História Cultural aproximou-se da psicanálise, linguística, literatura e da antropologia,

⁶ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

tornando a interdisciplinaridade uma prática constante pelos historiadores, alcançando grande relevância nos estudos sobre as mulheres que recebem também a contribuição já citada do Movimento Feminista, com Michel Foucault questionando os paradigmas ocidentais da ciência com sua ênfase na história política e pelo domínio público estimulando novos temas, como o da sexualidade, das prisões, dos micropoderes, da doença, etc. As mulheres têm sido um desses objetos de estudo, visto através de novos olhares, trazendo mudanças significativas no campo historiográfico e no cotidiano. Vejamos:

A partir da constatação da negação e de esquecimento, a história das mulheres tomam impulso em 1970, apoiada à explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições da história social e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi o período chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras a façam. Com esse impulso, as universidades abrem-se aos grupos de pesquisas, reconhecendo seu valor, encorajando trabalhos e temas. Dois pólos de reflexão estruturam esta efervescência intelectual: um faz surgir as mulheres no seio da história pouco preocupado com a diferenciação sexual; outro demonstra a opressão, a exploração e a dominação (SOIHET *et al.*, 2001, p. 2).

Dessa forma, as inovações historiográficas articuladas ao desenvolvimento da história das mulheres ampliaram a pesquisa a inúmeros temas relacionados ao feminino.

Assim, de acordo com Cunha (2000), principalmente nos anos 70 do séc. XX, as produções historiográficas partiram de influências teórico-metodológicas a partir da história social, sendo baseadas pelo marxismo, atentando-se em identificar as representações da opressão capitalistas sobre elas, sendo nos anos 80 do séc. XX que as questões de gênero passam a serem estudadas.

Jardim e Piepper (2012) afirmam que, com o processo de transformação da construção historiográfica e debates realizados acerca da pesquisa histórica, desde o pós-guerra, os movimentos feministas ampliaram a discussão teórica propondo um novo modelo de estudos para a história: o gênero. Tendo Joan Scott, como importante estudiosa dessa temática, ela afirma que o gênero não é adquirido ao nascer nem determinado pelo sexo biológico, mas é formado pela cultura. Desse modo, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” (SCOTT, 1995, p. 75). A autora ainda articula a noção de construção social com a noção de poder, presente no processo dessa produção. Por isso, o conceito de gênero,

Tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994, p. 13).

Ao refletirmos a respeito dessas questões, emerge uma História que oferece novas perspectivas à velhas questões, torna as mulheres visíveis como participantes autônomas: abre possibilidades a pensarmos sobre as estratégias quanto a políticas feministas atuais e futuras, já que sugere que gênero tem que ser redefinido em conjunção com uma visão de igualdade política e social, incluindo, além do sexo, recortes de classe e de raça (SCOTT, 1994, p. 17-18).

Observamos justamente a necessidade de compreender as desigualdades entre homens e mulheres a partir desses estudos antropológicos, que mostram o início de nossa história quando as sociedades eram nômades e coletivistas, mas que com o surgimento das famílias monogâmicas é instalado o regime patriarcal e a partir daí o corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlados pelos homens e as instituições por ele construídas.

Atualmente, nossa sociedade ainda possui os resquícios dessa organização patriarcal que naturaliza as diferenças entre os sexos através da cultura, ou seja, conclui-se que gênero é cultural e as desigualdades são construídas por essa cultura. De acordo com Perro

Discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa. Como alcançá-las, como quebrar o silêncio, os estereótipos que as envolvem? [...] Sem dúvida é necessário abandonar a ideia de que a imagem nos traz um painel da vida das mulheres. Mas não abandonar a ideia do poder, da influência das mulheres sobre a imagem pela maneira como a usam, pelo peso de seu próprio olhar (PERROT, 2007, p. 25).

Estudos demonstram que não foram poucos os casos em que mulheres administravam o patrimônio familiar e, nesse caso em específico em que se fala sobre mulheres que são chefes de família a partir da atividade da agroecologia, demonstrasse esse poder feminino. Para compreender esses poderes em uma situação de sujeição e de inferioridade, que muitas vezes a mulher é condicionada, é necessário entender as maneiras pelas quais mulheres atuam e criam estratégias. Portanto, são

fundamentais as colocações de Michel de Certeau (1994) sobre o que se denominou as táticas. O autor destaca que elas se tornam necessárias para desvendar as sutilezas engendradas de forma criativa pelos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide.

Conhecer a vivência das classes empobrecidas nos permite compreender a racionalidade das famílias e das mulheres deste segmento, ou seja, suas próprias formas de organização social, aspectos do cotidiano e das experiências privadas tidas, à primeira vista, como insignificantes, tais como estratégias, resistências e compensações podem ser reexaminados revelando-se essenciais devido os significados políticos das contribuições femininas (Perrot *et al.*, 2001).

O conceito de “trajetória” é entendido por Pierre Bourdieu (1996, p. 292) como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou mesmo grupo de agentes, em espaços sucessivos”. Tal conceito permite, a partir do sujeito, situar acontecimentos biográficos individuais e coletivos e seus deslocamentos no espaço social. Através desses percursos e vivências, podemos analisar a mobilidade social, os processos de empoderamento das mulheres agricultoras, observar os níveis de empoderamento individual e comunitário e perceber o modo como elas se articulam e se se identificam a um grupo social na qual se constituem.

À vista disso, levando em consideração que os percursos de vida dos indivíduos variam em função da estratificação social, podemos afirmar que suas trajetórias expressam o pertencimento a uma determinada classe social. Para Bourdieu (1989), o conceito de classe social é relacionado diretamente ao de estrutura social e ao de posição social, que na prática, reflete os estilos de vida assumidos pelos indivíduos:

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes (BOURDIEU, 1989, p. 136).

Desta forma, a partir desses conceitos, observamos como as mulheres do Assentamento Queimadas trabalham através da agroecologia. Elas começaram a se reunir, discutir seus interesses em comum e necessidades específicas, organizaram seus discursos a partir da troca de experiências entre si e outros sujeitos da

comunidade, criando novas relações sociais que influenciaram na comunidade e no desenvolvimento local de Remígio.

Igualmente, percebemos o modo como essas mulheres se articularam para contribuir para o surgimento de um movimento liderado por trabalhadoras rurais, conferindo a esses sujeitos visibilidade e autonomia, por meio de suas trajetórias de vida. Essa trajetória que se instaurou associamos aos estudos de Michel Foucault (1984), quando a instauração da sociedade moderna supôs uma transformação na consagração de novos instrumentos pelos quais se pode canalizar o poder. O poder “não é algo que se detém como uma coisa”, não é apropriado como um bem, mas é algo que circula, pratica-se e se exerce.

Desse modo, o que existe são práticas ou relações de poder. Nessa perspectiva, a dominação só é possível quando o próprio ser dominado considera “natural” a subjugação. Por outro lado, todo poder pressupõe uma resistência. No caso em estudo, sobre as mulheres da agroecologia, que muitas vezes são excluídas dos espaços públicos, elas têm o desafio diário de olhar para o espaço doméstico não só como um lugar de reprodução, como mães que nutrem, cuidam e educam seus filhos e filhas, mas percebê-lo como um espaço de poderes e saberes, de luta, de resistência, de construção de identidade, um espaço de disputa de poder.

Nos espaços trabalhados de assentamentos, as relações de poder estão diretamente ligadas às relações de gênero, resultando na diferença de inserção das mulheres, nos espaços produtivos e organizativos, o que requer uma transformação no acesso da mulher tanto aos bens econômicos quanto aos de poder. Tal mudança depende de um processo de empoderamento da mulher. Empoderamento aqui visto como:

O mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir (COSTA, 2000, p. 7).

Para as mulheres que se envolvem e se dedicam à construção da Agroecologia, o empoderamento e a autonomia são questões centrais. De acordo com Valoura (2005-2006, p. 2-3), empoderamento pode ser visto como “a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza”. Ao pensarmos em empoderamento das agricultoras de Remígio, não devemos nos limitar ao

empoderamento monetário. Para além disso, vejamos a amplitude das questões sociais, ideológicas e políticas como uma forma de igualar homens e mulheres em todos os aspectos.

O olhar pode ser direcionado enquanto agricultoras, trabalhadoras do campo que garantem seu sustento e da sua família, como também de mulheres que precisam principalmente da garantia dos seus direitos sociais. As relações de poder em torno dos papéis produtivos e reprodutivos que as mulheres da agroecologia assumem nos espaços privado e público, são relações cotidianas mais estreitas entre a teoria e a prática, nas quais elas usam as formas de resistência por meio de micropoderes contra as diferentes formas de poder. Em ambas as situações, resistem como é da natureza do poder, segundo o que defende Foucault (1979).

Em uma sociedade em que o capitalismo e o patriarcado estão intimamente ligados, há uma hierarquização dos trabalhos, na qual o produtivo, que de forma geral tem predominância masculina, tem valor mercantil e reconhecimento social. O trabalho feminino, neste sentido, é percebido como “ajuda”.

Para analisar o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres é preciso considerar que essas tarefas não são realizadas de forma separada dos trabalhos domésticos, de cuidados e produtivo são realizados em espaços e tempos próximos. A análise do poder na perspectiva de Foucault é essencial para compreendermos as relações de desigualdades das mulheres em relação aos homens, uma vez que:

O poder como uma rede de relações sempre tensas. Não admite polaridade fixa, mas considera que homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há constantemente negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas e alianças (LOURO, 1998, 39-40).

Aprofundaremos, no tópico a seguir de nossa pesquisa, a análise com relação à condição da mulher agricultora partindo desse conceito, de modo a observar se os projetos e iniciativas agroecológicas possibilitam uma emancipação dessas mulheres camponesas que, na maioria das vezes, são desprovidas de poder dentro e fora de suas famílias, ou seja, de que forma o potencial que a agroecologia demonstra é capaz dar subsídio a essas mulheres a enfrentar sua condição de vulnerabilidade e, dessa forma, conquistar mais poderes nas esferas pessoal, produtiva, familiar e política.

Reconhecemos o fato que vivemos em uma sociedade baseada nas relações de poder. As sociedades rurais se baseiam em valores patriarcais usados como parâmetros universalizantes:

As mulheres agricultoras familiares do semiárido do Nordeste, em geral, vivem, cotidianamente, o peso da cultura machista, sexista e patriarcal. A formação doméstica reafirma o poder legitimado do homem sobre as mulheres, mantendo-as oprimidas na família, assumidamente figuras subalternas (SAFFIOTI, 1992, p. 183).

Com a transformação e quebra de paradigmas da civilização, já é possível identificar que esse processo de “naturalização” em que a mulher é tida como submissa ao homem vem se desconstruindo. A equidade entre homens e mulheres como estratégia para se contrapor à dominação masculina, tenta desconstruir estereótipos e representações ao proporcionar uma maior participação e visibilidade para as mulheres nos espaços públicos e privados na sociedade.

Desta forma, por meio dos conceitos acima discutidos, da quebra de paradigmas e processo de transformação, entendemos como se dão as lutas e protagonismo feminino. No próximo capítulo, abordaremos a origem e localização do Assentamento Queimadas – espaço de lutas e conquistas femininas, além de discutirmos através de estudos bibliográficos e documentais a cultura do algodão agroecológico e sua importância para o protagonismo das mulheres agricultoras moradoras do assentamento, analisaremos as relações sociais políticas e econômicas das mulheres que praticam essa atividade e como alcançam esse lugar de autoridade no assentamento a que pertencem.

3 AS MULHERES E A CULTURA DA PRODUÇÃO DO ALGODÃO AGROECOLÓGICO NO ASSENTAMENTO QUEIMADAS – REMÍGIO - PB

Neste capítulo discutiremos sobre o processo de empoderamento das mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas, com base em pesquisa documental, enfatizando como a luta das mulheres por sua autonomia no mundo do trabalho no tratamento da cultura do algodão agroecológico consistiu num fator importante na construção do protagonismo feminino, social e econômico no assentamento.

3.1 O trabalho feminino no assentamento e as questões agroecológicas

Confrontando elementos teóricos com a experiência concreta das mulheres da agroecologia e registros fotográficos que retratam o protagonismo feminino, pretendemos enriquecer o debate sobre como a questão de gênero interfere na organização social, por analisar nesta sessão os valores que se associam a cada uma das designações atribuídas aos homens e às mulheres na sociedade remigense.

Partindo desse pressuposto, percebemos que a agroecologia tem uma grande importância para a construção de uma identidade feminina camponesa. Ao longo da estrutura histórica, levando em conta os movimentos feministas, eco feminismo e os movimentos agroecológicos nos anos 80 no Brasil. Essas organizações buscavam alternativas para combater as práticas da agricultura de perspectiva capitalista e patriarcal. Várias mulheres no Brasil e no mundo lutavam em busca de seus direitos, seja pela terra e sua preservação ou pela ocupação de espaços e divisão justa do trabalho doméstico.

É nesses contextos de espaços de lutas e conquistas que as mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas estão inseridas. Entre os anos de 1996 e 1998, juntamente com agricultores, estavam lutando incansavelmente na linha de frente pela Reforma Agrária da Fazenda Queimadas, local onde atualmente se encontra o assentamento que leva o mesmo nome da fazenda dominante desde época remota.

Figura 1 – Mulheres na plantação de algodão agroecológico



Fonte: Rede Borborema de Agroecologia.

O Assentamento Queimadas fica localizado na antiga Fazenda Queimadas, onde sua sede se estabelece acerca de 3 quilômetros do centro do município de Remígio - PB, situado na mesorregião do Agreste paraibano. Conforme mapa em figura:

Figura 2 – Localização do Assentamento Queimadas - Remígio - PB



Fonte: Almeida, 2014.

Figura 3 – Frente da sede da Associação dos Agricultores e Agricultoras do Assentamento Queimadas



Fonte: Instagram da Rede Borborema de Agroecologia, 2019. (@redeborborema)

A Figura 2 mostra a localização do Assentamento Queimadas dentro do município de Remígio - PB. A Figura 3 retrata o encontro de agricultores e agricultoras posando para fotos em comemoração ao XII Festival da Cultura Agroecológica em frente ao galpão recém-construído ao momento da foto, o mesmo usado como sede da associação dos agricultores e agricultoras do assentamento Queimadas, local onde acontecem reuniões representadas em figuras nesse capítulo.

Por sua vez, o município de Remígio - PB está situado acerca de 132km da capital do Estado, João Pessoa, tendo uma área de 177,998km² (CUNHA, 2012). Não é tão diferente das tantas outras cidades do interior paraibano, que antigamente passaram pelo processo de emancipação política, desmembrando-se de outros municípios e, assim, deixando de ser distrito, vindo a tornar-se cidade independente.

E justamente deste processo de emancipação política, influenciado por diversos líderes políticos da região, que no ano de 1957, a partir da lei estadual nº 1667, de 14 de março 1957, o distrito de Remígio é desmembrado da cidade de Areia - PB e elevado à categoria de município, porém, apenas entrando em vigor no dia 31 de março do mesmo ano. Sabemos que todo processo de emancipação política traz transformações, seja quanto ao fator administrativo ou territorial, havendo, assim,

mudanças em algumas particularidades da cidade. E com município de Remígio não é diferente, relata Elizabeth Cristina Nascimento Cunha (2012), sobre essas mudanças:

emancipação essa que deixou marcas e trouxe modificações para alguns aspectos da cidade. Para se desmembrar de Areia, Remígio teve que ceder terras do brejo, perdendo assim limites territoriais consideráveis. Mas ao mesmo tempo em que perdia terras, ganhava identidade (CUNHA, 2012, p. 73).

Dessa maneira, percebemos que o município de Remígio não foge aos moldes das demais cidades, que durante o processo de emancipação política acaba perdendo extensões territoriais. Portanto, ao mesmo tempo em que Remígio cede territórios para a cidade a qual fazia parte, conseqüentemente ganha maior identidade cultural e social com sua emancipação. Quanto a perda de extensões territoriais após a emancipação política, José Nilson Almeida (2011) relata:

A partir da emancipação política do município de Remígio, desmembrando-se do município de Areia, a área da fazenda Queimadas foi dividida entre estes dois municípios. A sede da fazenda ficando localizada em Areia e o restante da propriedade, cerca de três mil hectares, ficou dentro dos limites territoriais da cidade de Remígio (ALMEIDA, 2011, p. 18).

A divisão de terras entre os dois municípios aconteceu e mesmo assim a Fazenda Queimadas não é tão distinta das grandes fazendas do Nordeste não açucareiro. Tendo grandes extensões territoriais e suas terras sendo utilizadas principalmente para a pecuária, além da agricultura, com a plantação de feijão, fava, milho, mandioca e o algodão tradicional, a qual só mais recentemente, a partir dos anos de 2005, agricultores e agricultoras familiares do Assentamento Queimadas iniciaram a produção de algodão agroecológico (ALMEIDA, 2011). Sobre a Fazenda Queimadas e seu processo de Reforma Agrária, José Nilson Almeida (2011) ainda relata:

Com seu último proprietário, o senhor Antônio Diniz, a Fazenda Queimadas teve no ano de 1998, uma grande diminuição no número de moradores, restando apenas 10, o que levou essa administração a mudar o sistema de arrendamento da terra, adotando o sistema de terça, (um terço da produção agrícola era entregue ao fazendeiro). Ademais, houve uma diminuição de 60% do número de pessoas que arrendavam a terra, levando com isso uma baixa substancial na produção agrícola da fazenda, fato que levou a fazenda no mesmo ano a ser considerada improdutiva, pelo INCRA, a partir daí, a fazenda entra no processo de Reforma Agrária (ALMEIDA, 2011, p. 23).

Com a queda drástica da quantidade de moradores logo após a implantação do novo sistema de arrendamento das terras e, conseqüentemente, com a baixa produção agrícola e lucratividade no ano de 1998, o INCRA⁷ determina a Fazenda Queimadas como improdutivo. Inicia-se, então, o processo de Reforma Agrária, posteriormente a temerosa reserva veio a se tornar o assentamento, no ano de 2000, segundo Almeida (2014):

O Assentamento Queimadas está localizado no município de Remígio na região do Curimataú paraibano. A comunidade existe desde a ocupação da antiga fazenda Queimadas, em 1998, a partir da mobilização do Movimento Sem Terra – MST. Após dois anos de conflito e negociações a ocupação foi consolidada no ano de 2000 e as terras foram divididas pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (ALMEIDA, 2014, p. 15).

O Assentamento Queimadas é resultado de constantes lutas do Movimento Sem Terra (MST), composto por agricultores e agricultoras da região. Homens, mulheres e crianças fazem parte de todo o processo da Reforma Agrária do cuidado e produção nas terras até os dias atuais. Justamente a partir da conquista de lotes de terras que, até então eram abandonados e improdutivos, inúmeras famílias passam a ter uma maior dignidade e o direito viver em melhores condições. Além de terem a possibilidade de gerar renda com a criação de animais e da agricultura familiar, vindo, assim, alimentar sua própria família.

Logo após a ocupação e divisões de lotes de terras, o Assentamento Queimadas passou a ser organizado através de associação que levou nome de Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Queimadas (APRAQ). O assentamento tem uma área média de 4.000ha distribuídos em 100 lotes de 10ha. Possui espaços coletivos, áreas de preservação ambiental e é formada com mais de 100 famílias (ALMEIDA, 2014).

Desde o processo de formação do assentamento, agricultores e agricultoras preocupavam-se com o meio ambiente e práticas de conservação da natureza. Buscam uma perspectiva ecológica e sustentável que geram renda e ao mesmo tempo não agride a natureza, utilizam-se de práticas orgânicas na agricultura, em especial no cultivo de frutas e hortaliças, realizadas na maioria das vezes por mulheres

⁷ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

agricultoras nos próprios quintais de suas casas, que chamam em tom afetoso de “arredor de casa”.

É nessa perspectiva da agricultura familiar e agroecológica que no ano 2005, iniciou-se o projeto de produção do algodão agroecológico no Assentamento Queimadas, na parte localizada no município de Remígio - PB. A produção do algodão agroecológico surgiu a partir de parcerias entre agricultores e agricultoras do Assentamento Queimadas, a Embrapa algodão, a ONG Arribaça e instituições não governamentais, como o projeto Escola Participativa do Algodão, conforme José Nilson Almeida, (2011):

No ano de 2005, a partir das experiências dos agricultores familiares do Assentamento Queimadas – Remígio-PB, a Embrapa algodão e Arribaça, iniciaram um projeto chamado de “Escola Participativa do Algodão”, cujo principal objetivo é de validar o conhecimento dos agricultores familiares que trabalham efetivamente na produção agrícola; através da pesquisa participativa, onde o conhecimento dos agricultores são utilizados através de instrumentos de pesquisa em grupo, os próprios agricultores testam suas práticas, trocando experiências, proporcionando o surgimento de um novo conhecimento adaptado a cada realidade e autonomia dos agricultores em relação ao cultivo algodão (ALMEIDA, 2011, p. 30).

Através das trocas de experiências entre os agricultores e pesquisadores que se criaram estudos, dos seus métodos e práticas orgânicas, para realizarem o cultivo e colheita do algodão agroecológico, sem que o clima e as pragas influenciassem negativamente na produção, tais estratégias baseiam-se em suas convivências e realidades quanto ao clima e pragas que atacam o algodão, assim, afetando a colheita e, conseqüentemente, lucros futuros, “validados” em grupo pelos componentes da comunidade enquanto conhecimento.

Como estratégia para combater as pragas, o algodão é plantando em um espaçamento de 1,10x0,30m e em consórcio com o milho, feijão, mandioca e o gergelim, tendo como objetivo dificultar que essas pragas ataquem as plantações de algodão (ALMEIDA, 2011). Essa é uma prática que em si preserva a natureza, visto que vai de encontro à práticas da monocultura, em que se explora a terra apenas com um produto, por outro lado, o cultivo de diversas espécies de forma sistêmica contribui para um futuro sustentável.

Os experimentos, pesquisas e trocas de “saberes” entre agricultores iniciaram-se no ano de 2005. Entretanto, foi no ano de 2006, que pesquisadores e agricultores colheram o primeiro algodão agroecológico da Paraíba no Assentamento Queimadas.

No mesmo ano foi feita a comercialização do produto para a COEXIS⁸ – empresa ligada ao setor de confecções do estado de São Paulo (ALMEIDA, 2011).

Ao longo do processo de produção do algodão agroecológico surgiram algumas dificuldades quanto ao processo de transição para a produção agroecológica pela logística de beneficiamento (processo em que é separado o caroço e impurezas da pluma do algodão) e comercialização do produto, aumentando custos e, conseqüentemente, diminuindo inicialmente os lucros.

Além das dificuldades citadas acima, agricultoras e agricultores apresentaram dificuldades quanto a uma maior participação em eventos de formação e qualificação de práticas agroecológicas em decorrência do baixo nível de escolaridade. A partir da necessidade de uma maior participação nos espaços de discussão e de acompanhamento de todo o processo de pesquisa e produção do algodão, dificultados pela baixa escolaridade dos agricultores e agricultoras, a Escola Participativa do Algodão em parceria e com o apoio de instituições como ONG ARRIBAÇÃ, FIEP⁹, SESI¹⁰ e entre outras, dá início no ano de 2007 a Escola Formal do Algodão, projeto formal para educação do campo para jovens e agricultores do Assentamento Queimadas (ALMEIDA, 2011). Essas práticas serão descritas detalhadamente e exemplificadas com fotografias no tópico que se segue.

O Assentamento Queimadas é marcado por sua influência social na sua comunidade ou pela produção do algodão agroecológico e pelo processo de ensino e aprendizagem no grupo, que possui por finalidade o ensino e promover um crescimento social dentro da zona rural de Remígio - PB.

⁸ Empresa do Ramo Têxtil de São Paulo.

⁹ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba.

¹⁰ Serviço Social da Industria.

Figura 4 – Agricultores do Assentamento Queimadas assistindo aula no Projeto Escola Formal do Algodão



Fonte: Almeida (2011).

A partir dessa imagem notamos a presença de mulheres, homens, jovens e crianças dividindo os espaços do saber. Assim, consideramos o meio escolar oportunidade das mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas trocarem experiências do fazer agroecologia, além de proporcionar através de conversas formais e informais um maior entendimento das dificuldades e lutas enfrentadas por elas em uma sociedade patriarcal e machista.

Dessa forma, o “projeto formal para a educação do campo para jovens e agricultores” teve como objetivo além de alfabetizar, possibilitar trocas de experiências entre assentados. Agricultores e agricultoras compartilharam as suas dificuldades individuais enfrentadas no cotidiano na vida do campo. Mulheres do campo fortalecem laços de coletividade ao conhecer e discutir sobre políticas públicas que abordem uma maior participação das mulheres durante todo o processo de produção do algodão, além de refletirem sobre uma maior ocupação de espaços públicos e privados dentro do assentamento, questões provocadas através do acesso à escola.

Assim, os espaços de alfabetizar tornaram-se importantes para a politização das mulheres do Assentamento Queimadas e ponderosos locais para debates sobre questões envolvendo desigualdades de gêneros, servindo de aporte para que haja a quebra de paradigmas presentes na sociedade, em especial nos espaços que estão as mulheres do campo estão inseridas.

Ainda no ano de 2007, as trocas de saberes entre técnicos, estudantes, pesquisadores e agricultores e agricultoras do Assentamento Queimadas se solidificaram, com consolidação do projeto Escola Participativa do Algodão em decorrência a novas parcerias realizadas, fez com que o projeto se estendesse para assentamentos e comunidades de outras cidades do compartimento da Borborema (ALMEIDA 2011).

Na mesma medida que a Escola Participativa do Algodão adentra em outros espaços fora do município de Remígio, mulheres estreitam relações cada vez mais a partir de experiências trocadas, seja sobre as práticas do fazer agroecologia, seja decorrente de diálogos que abordam a não aceitação do machismo, misoginia e entre outros tipos de abusos.

Figura 5 – Reunião entre agricultoras e agricultores do Assentamento Queimadas e cidades vizinhas



Fonte: Instagram da Rede Borborema de Agroecologia, 2019. (@redeborborema)

Na Figura 5, agricultores e agricultoras se reúnem para discutir práticas e métodos agroecológicos visando melhoramento da qualidade da produção do algodão agroecológico (ALMEIDA, 2011). A partir de uma análise do registro fotográfico, o fato que nos chama atenção é a reunião ser mediada por uma mulher agricultora enquanto outros agricultores a observam.

Pela necessidade de expandir o Projeto da Escola Participativa do Algodão para outras cidades e aumentar a produção, no ano de 2008 iniciou-se a construção

da Rede Paraíba de Algodão Agroecológico. No mesmo ano, e em 2009, foi realizado a Festa da Colheita do Algodão Agroecológico, momento de confraternização e comemoração da colheita do algodão agroecológico por agricultores e agricultoras, organizados na Rede Paraíba de Agroecologia (Almeida, *Idem*).

Segundo Almeida (2011), as festividades tinham como objetivo resgatar e elevar os princípios que constroem a identidade cultural e social dos agricultores e agricultoras familiares do território da Borborema, além de possibilitar as conexões pelas experiências de métodos e práticas da produção do algodão agroecológico e geração de renda para agricultores e agricultoras que comercializam seus produtos nos dias que aconteceram o evento, através de exposição, desfiles, formando uma feira permeada pelo clima de festividade.

Apesar dos avanços e proporções que Projeto Escola Participativa do Algodão ganhou nos anos iniciais, no ano de 2013, com a criação da Rede Borborema de Agroecologia (RBA) os agricultores e agricultoras do Assentamento Queimadas e da Borborema passaram a ter uma maior autonomia, haja vista que antes a certificação do algodão (selo de qualidade orgânica) era realizada por auditorias e por empresas terceiras, gerando altos custos aos pequenos produtores, o qual gerava queda na produção. Com a criação da RBA, o certificado passa a ser de autoria da rede, possibilitando a certificação de outros produtos além do algodão, e, conseqüentemente, gerando mais renda para as famílias do campo.

3.2 O protagonismo feminino: entre o assentamento e o espaço público

Numa perspectiva agroecológica pensada para sustentabilidade e geração de renda, as mulheres agricultoras são força de trabalho ativo na produção do algodão, milho, feijão, batata entre outros produtos. A partir das trocas de saberes e ensinamentos, as mulheres agricultoras fazem parte da comissão fiscalizadora dos produtos orgânicos, da presidência e diretoria da associação de agricultores do Assentamento Queimadas e, além disso, de comercializar seus produtos nas feiras locais e intermunicipais.

Figura 6 – Assembleia para realização de votação de nova diretoria



Fonte: Instagram da Rede Borborema de Agroecologia, 2019. (@redeborema)

Dessa maneira, as mulheres se mostram cada vez mais fortes e protagonistas dentro da produção agroecológica, primeiro, ao entenderem que são atores sociais importantes para a cultura do algodão agroecológico, segundo, quando se tornam lideranças e sujeitos políticos nos espaços inseridas.

Como exemplo de lideranças femininas que ocupam espaços políticos dentro do Assentamento Queimadas, podemos mencionar o nome de Roselita Vitor Albuquerque, assentada da reforma agrária, agricultora e importante personagem no processo de luta e conquista das terras desde quando ainda era Fazenda Queimadas. Entre os anos de 2010 e 2015 passou a compor o cargo de Secretária e, em seguida, de vice-presidência da Associação de Produtores e Produtoras Rurais do Assentamento Queimadas (APRAQ), vindo a quebrar paradigmas e mostrar ainda mais a força e o empoderamento feminino dentro do assentamento, sendo representação de todas as mulheres da comunidade enquanto aptas a ocupar cargos dirigentes.

Ainda neste aspecto de luta, liderança e protagonismo, podemos citar o caso da então, jovem mulher, agricultora, estudante e assentada, Suzana Aguiar (mediadora citada na Figura 5), que faz parte da diretoria da Rede Borborema de Agroecologia e tem a função de fiscalizar, reunir-se com outros lideranças,

pesquisadores, agricultores e agricultoras para propor estratégias e políticas agroecológicas e que preservem o protagonismo feminino nos espaços públicos.

Suzana e Roselita, apesar de gerações distintas, são símbolos de lutas, resistência e protagonismo feminino dentro Assentamento Queimadas. Ambas, juntamente com outras lideranças femininas do campo ecoam suas vozes e promovem políticas públicas e debates acerca das práticas agroecológicas e questões de gênero, são inspirações e representam cada mulher do campo que planta no seu “arredor de casa”, que leva para sua mesa ou leva para a feira. Todas elas persistem e insistem até que todas sejam também autônomas.

Portanto, as mulheres ao ocuparem esses espaços de sindicatos e cooperativas, têm acesso à espécie de autoridade e prestígio tidos como prerrogativas exclusivas do homem, não por direito, mas por dominação e relações de poder, como discutimos ao longo de nossa pesquisa. As mulheres do campo, além de se qualificarem e fortalecerem seus desempenhos em cargos diretivos nas organizações e sociedade buscam efetivamente uma sociedade justa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de lutas e movimentos sociais e rurais a figura feminina sempre se fez presente. Entretanto, nem sempre sua participação foi valorizada e por muitas vezes passou por despercebida. É com o processo de transformação na perspectiva historiográfica e debates acerca da Nova História desde os pós-guerra, que os movimentos feministas se ampliaram, suas discussões teóricas e propuseram novos modelos de análise para história: o gênero.

Nestas perspectivas as mulheres deixam de serem meras coadjuvantes na história e passam a serem protagonistas, tornando-se objeto de estudos para diversas pesquisas historiográficas, incluindo a nossa, que buscou evidenciar o trabalho essencial da mulher do campo, repensando o lugar atribuído as mulheres numa cultura de desigualdade.

A partir dessa ótica, refletir sobre as mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas e precisamente sobre o protagonismo feminino nesses espaços de lutas e resistência é, sobretudo, uma quebra de paradigmas, haja vista que apesar da reabertura democrática, dos processos de transformações do fazer história, as produções sobre a temática estudada tornam-se ferramentas eficientes para exaltar o protagonismo das mulheres do campo.

Neste sentido, analisar as transformações na vida das mulheres, depois emergência da cultura do algodão é fundamental, pois a agroecologia a partir de seus princípios, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias entre homens e mulheres, nos aspectos políticos, sociais e econômicos, uma vez que as práticas agroecológicas inicialmente são realizadas pelas mulheres dentro do seu espaço doméstico, estar nos quintais da casa, no “arredor de casa”, com as plantações de hortaliças, ervas medicinais acompanhadas da sabedoria ancestral de como usá-las e ou com a criação de animais.

Assim, é por meio dos movimentos feministas e ecofeministas, juntamente com a agroecologia, que mulheres agricultoras vencem as barreiras impostas pela sociedade patriarcal na qual estão inseridas e participam ativamente do processo de construção do saber e fazer agroecológico no momento que passam a produzir, gerar renda e fazer parte desses mesmos espaços outrora dominados pela presença e atuação do homem.

Desta forma, a cultura do algodão agroecológico, a construção da Rede Borborema de Agroecologia e outras instituições, impulsionam o protagonismo feminino no Assentamento Queimadas no momento que as mulheres agricultoras passam a ganhar uma maior autonomia e fazer parte dos locais de saberes e discursos, ocupando assim espaços públicos e privados. É a partir desses espaços coletivos que as mulheres agricultoras se organizam melhor e combatem as práticas machistas na sociedade.

Assim, as mulheres agricultoras assentadas protagonizam a produção do algodão agroecológico e geram a renda a partir da agricultura familiar e agroecológica, com a venda do algodão, do feijão, do milho de ervas, hortaliças e entre outros produtos de origem vegetal e animal. Desse modo, a agroecologia defendida por essas mulheres baseia-se principalmente na preservação dos ecossistemas, além levar em considerações questões de âmbitos sociais, como a busca pela equidade de gênero em nossa sociedade.

A agroecologia e, precisamente a produção do algodão agroecológico do Assentamento Queimadas, torna-se um mecanismo eficiente para o meio ambiente e para geração de renda, como também como forma de ecoar as vozes das mulheres outrora silenciadas pela sociedade patriarcal, machista e misógina. É através dela que mulheres agricultoras, hoje passam cada vez mais a gerar renda para a família, ganhando ao mesmo o tempo uma maior independência e se sobressaindo sobre as raízes patriarcais e machistas que as rodeiam.

Assim, esse estudo procurou fazer uma breve discussão sobre a importância das mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas para a produção do algodão agroecológico. Desde modo, consideramos o presente como importante contribuição para o fazer história do município, a qual moro, e para exaltar o protagonismo e força da mulher agricultora assentadas. Além disso, torna-se um registro histórico com recorte temporal, permeado por reflexões sobre as questões políticas, sociais e culturais que a mulher do campo enfrenta nos dias de hoje com machismo, a misoginia e outros tipos de preconceitos que as descredibilizam e silenciam.

Apesar das dificuldades enfrentadas por um jovem acadêmico do curso História como a escassez das fontes documentais ou com os traumas relacionados ao escrever, o trabalho representa um processo de superação e construção do fazer história. Inúmeras dificuldades apareceram. Entretanto, transformamos em incentivo para produzir sobre as mulheres agricultoras do Assentamento Queimadas, para que

dessa forma o trabalho possibilite estudos futuros que envolvam nosso município e a temática abordada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Janailson Santos. **Análise de Sustentabilidade do Assentamento Queimadas**. Remigio - PB, Trabalho de Conclusão de Curso – Grad. Agroecologia, Universidade Estadual da Paraíba, Lagoa Seca, 2014.
- ALMEIDA, José Nilson. **A produção do Algodão Agroecológico no Projeto de Assentamento Queimadas**. Trabalho de Conclusão de Curso – Grad. História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- AGUIAR, Vilenia Venancio Porto. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. *In: Política & Sociedade*. v. 15, Santa Catarina: UFSC, 2016. p. 261–295-295
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. *In: Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A, 1989.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BUSCHINI Cristina (Orgs.). **Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina**. São Paulo: Ed. Vertice/ Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 225-298.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012.
- COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Salvador: UFBA, 2000.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza: 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais**. Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- JARDIM, Rejane Barreto; PIEPPER, Jordana Alves. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero. *In: Métis: história & cultura*. v. 9, n. 18, Caxias do Sul: UFCS, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *In: Tempo, Rio de Janeiro*. v. 1, n. 2, Rio de Janeiro: CodeCamp, 1996. p. 73-98.

MASSIMI, M. **História das ideias psicológicas no Brasil, em obras do período colonial**. Dissert. Mestrado - Psicologia, São Paulo: USP, 1984. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000741130>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PERROT, M. *et al.* A História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. Trad. de Rachel Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. *In: Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG – 2. sem. 2001, Vol. 2, n. 1, Niterói: EdUFF. p. 7-30.*

PERROT, M. Escrever a história das mulheres. *In: PERROT, M. Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 13-39.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?** Trad. Carlos Eduardo Viera. *Educar*, vol. 1, n. 18. Curitiba: Ed. EDUFPR 2001, pp.13-27. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.231>. Acesso em: 20 maio de 2021.

RUBIM, Sandra Regina Franchi; OLIVEIRA, Terezinha. A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação. *In: Anais. Seminário de Pesquisa do PPE*, v. 1., 2010.

SAFFOTI, H.I. B. Rearticulando gênero e classe social. *In: OLIVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *In: Cadernos Pagu*. Campinas: Ed. UniCamp, n. 3, 1994.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana MA; COSTA, Suely Gomes. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. *In: Revista Gênero*. v. 2, n. 1, Niterói: UFF, 2001.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa (Org.). **História dos Municípios Paraibanos**. vol.1. Campina Grande: EDUFPG, 2012. p. 65-76.

VALOURA, Leila de Castro. FREIRE, Paulo. **O educador brasileiro autor de termo empoderamento, em seu sentido transformador**. Texto de residente do Programa Comunicarte de Residência Social, 2005-2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18290882-Paulo-freire-o-educador-brasileiro-autor-do-termo-empoderamento-em-seu-sentido-transformador.html>. Acesso em: 20 maio 2021.